

# VIOLÊNCIA E EXCLUSÃO SEGUNDO A ABORDAGEM WINNICOTTIANA

## I – Introdução

A violência se manifesta de várias formas, algumas delas até positivas. No entanto, quero falar aqui da violência que atualmente nos invade e esmaga, em suas diversas expressões:

- A violência dos assaltantes, dos traficantes, dos seqüestradores – relâmpagos, falsos, efetivos - a violência dos pivetes. Enfim, a violência exercida por uma classe submetida ela própria à violência de estar excluída dos direitos mais elementares da cidadania: quando um adulto teme uma criança de 6, 7 anos, desnutrida, mal vestida, batendo na janela do seu carro... de quem é a violência?
- A violência dos pitboys que queimam índios e espancam empregadas e que acrescentam mais violência a tais atos, ao tentarem "justificá-los" dizendo que pensavam serem mendigos e prostitutas.
- A violência da corrupção das elites e dos políticos, que se beneficiam e locupletam com o dinheiro dos nossos impostos, pagos com um grande sacrifício sem retorno – o retorno que deveria vir para nós e vai para eles.

**Pergunto: há alguma relação entre estas várias formas de violência – e entre elas e a exclusão?**

É este o tema que vou tentar discutir, a partir da visão de Donald Winnicott.

## II – A contribuição Winnicottiana

Winnicott trouxe importantes contribuições para a psicanálise, em função de sua experiência como pediatra e do grande conhecimento daí advindo sobre a relação mãe - bebê e sua importância na estruturação do psiquismo. A maioria delas não se contrapõe ao já estabelecido, constituindo-se apenas como acréscimos. Exceção a isto é justamente sua teoria sobre a agressividade, uma vez que Winnicott não aceita a teoria da pulsão de morte, assumida pelos autores que o antecederam. Sua teoria sobre a agressividade é, a meu ver, de uma grande riqueza clínica, mas também muito complexa. Vou tentar simplificá-la e resumi-la na medida do possível.

- Winnicott postula uma **pulsão agressiva**, que é vista como positiva, no sentido de ser a favor a vida, em todas suas manifestações - por ex., para a defesa, para as conquistas, para o exercício da criatividade, para a realização da pulsão amorosa. Esta pulsão

agressiva é identificada com a **motricidade** – que é o que nos coloca em contato com o mundo e com os outros. Notem que há uma clara diferença entre o conceito winnicottiano de **pulsão agressiva** e o conceito de **pulsão de morte**: esta - embora também seja indispensável para o desenvolvimento da vida - leva, em última instância, como diz seu próprio nome, à morte; enquanto que a pulsão agressiva é, em sua essência, a favor da vida - só se tornando destrutiva quando é distorcida, como veremos a seguir.

- Para que a pulsão agressiva seja assumida pelo sujeito e usada a favor da vida, algumas condições são necessárias – e aqui se apresenta outra grande diferença de Winnicott em relação a outros autores: a importância fundamental que ele atribui ao ambiente. Para Winnicott, tudo depende do que se passa nesta relação, neste espaço entre o sujeito e o ambiente – que é constituído 1o. pelos pais (ou pelos que exercem esta função), depois pela família e finalmente pela sociedade e pela cultura. Winnicott cria então o conceito de **ambiente suficientemente bom** - que é aquele que atende adequadamente às necessidades básicas do sujeito, relativas a cada fase de seu desenvolvimento. Do ponto de vista do sujeito, o ambiente suficientemente bom seria basicamente **um ambiente confiável**.

Então, no que diz respeito à pulsão agressiva, teríamos o seguinte percurso:

1. Se o ambiente primitivo (a mãe amparada pelo pai – na verdade, pessoas exercendo estas funções) é suficientemente bom, o psiquismo do sujeito poderá integrar-se e estruturar-se – e poderá então assumir e utilizar a pulsão agressiva como algo próprio (antes disto a pulsão é vivida como algo externo – não próprio).
2. Um psiquismo estruturado passa a sentir frustração e raiva quando não é satisfeito, e passa a usar intencionalmente a pulsão agressiva para atacar quem o frustrou. Aqui, um ambiente suficientemente bom implica em dois aspectos: 1º. , que as frustrações não sejam excessivas, mas sejam introduzidas em doses suportáveis para o psiquismo ainda imaturo; 2º. que o ambiente **sobreviva** às intenções destrutivas do sujeito – e com esta palavra Winnicott quer significar que o ambiente dê contenção e limites à agressividade mas **não retalie, não se vingue, pelo contrário, permaneça sendo um ambiente confiável**. Se isto ocorre, a pulsão agressiva não é vivida como ameaçadora, se funde à pulsão amorosa e pode ser usada a favor da vida - advindo daí várias aquisições no sentido do desenvolvimento. Talvez a principal seja a separação entre sujeito e objeto – pois no início, sujeito e objeto estão fundidos, indiferenciados. A diferenciação entre um e outro vai se fazendo aos poucos, sendo este seu estágio final – quando se dá o reconhecimento de que existe um outro independente sobre o qual não tenho controle, e de que este outro que

me atende e que amo é o mesmo que me frustra e que odeio - surgindo daí a capacidade de preocupar-se com o outro e de sentir culpa pelos danos a ele feitos, sendo esta capacidade a principal contenção interna ao uso destrutivo da agressividade.

→ Se nestes momentos iniciais o ambiente falha, teremos como resultado patologias graves. No 1º. caso, o psiquismo não se integrará nem se estruturará adequadamente. No 2º., a pulsão agressiva será vivida como algo muito perigoso, como uma grande malignidade interna. Em ambos os casos, a pulsão agressiva será dissociada, não será integrada à pulsão amorosa, não poderá ser assumida pelo sujeito e só se manifestará através de explosões, atuações e compulsões. É nesta situação que a pulsão agressiva é distorcida, transformando-se em ódio - este sim destrutivo. Teremos então indivíduos que não sentem culpa por seus atos destrutivos, uma vez que não os assumem e não se responsabilizam por eles.

→ Estas patologias podem ocorrer em qualquer das formas de violência inicialmente mencionadas - ou seja, tais formas de violência podem ser praticadas por indivíduos muito doentes. Mas não é este o tema que me interessa aqui, uma vez que indivíduos muito doentes existem em todas sociedades, culturas e épocas, mas são sempre exceções.

3. Interessa-me abordar a violência generalizada que está fazendo parte do nosso cotidiano e que, do ponto de vista winnicottiano, não implica obrigatoriamente em patologia. Refiro-me ao que Winnicott denomina **tendência anti-social ou delinquência**, de acordo com a gravidade e intensidade das manifestações agressivas. Segundo Winnicott, um sujeito que teve um ambiente suficientemente bom que lhe permitiu realizar as aquisições acima descritas ( construção de um psiquismo bem estruturado que possa assumir as pulsões agressivas, fusão das pulsões agressivas e amorosas, capacidade de preocupar-se e sentir culpa, uso da agressividade a favor da vida) e que sofre uma perda deste ambiente confiável, passará a usar a agressividade como um pedido de socorro e uma tentativa de recuperar o ambiente bom que foi perdido; para tanto, regredirá a uma fase anterior à fusão das pulsões, ficando as pulsões agressivas parcialmente dissociadas das pulsões amorosas. Assim, para Winnicott, as atitudes anti-sociais e mesmo a delinquência, são tentativas **inconscientes** de recuperar um ambiente que contenha, dê limites e sobreviva às pulsões agressivas do sujeito. Ou seja, ainda que inconscientemente, ainda há nestes sujeitos a crença e a esperança de reencontrar um ambiente confiável. Se o ambiente compreende e responde positivamente a este pedido, o sujeito tem possibilidade de recuperar-se, reintrojetando o ambiente confiável que lhe propicia utilizar a agressividade de forma construtiva. Se isto não ocorre, a esperança deixa de existir e o comportamento anti-social se cristaliza,

configurando a psicopatia, na qual a possibilidade de recuperação é quase nula, uma vez que a contenção da agressividade, desvinculada da pulsão amorosa, fica totalmente na dependência do mundo externo, não havendo qualquer interiorização de um ambiente bom que possibilite a vivência de culpa, que colocaria limites à pulsão agressiva.

### III - Conclusão

A visão winnicottiana acima descrita (item 3.) refere-se ao indivíduo e a seu ambiente familiar mais restrito - no máximo às Instituições que tomam a seu cargo indivíduos com comportamentos anti-sociais ou delinquentes.

Mas se considerarmos, como faz o próprio Winnicott, que este ambiente inicial mais restrito se estende posteriormente à sociedade e à cultura, podemos colocar algumas questões a serem pensadas:

- A violência que estamos vivendo já é algo cristalizado, sem saída - ou seja, estamos vivendo em uma sociedade de psicopatas, onde estes predominam e são quase a regra?
- Ou esta violência está apontando para alguma falha ambiental, para alguma falta básica, constituindo-se assim em um pedido de socorro a clamar por alguma mudança urgente e fundamental?
- Em um ou outro caso, o que nós temos que ver com esta violência? É muito fácil **nos excluirmos**, colocando a violência fora de nós, nos outros. A culpa é do governo, dos políticos, das elites, do PT, dos traficantes, ou... Este é um discurso bastante conhecido, que no entanto não cabe em uma visão winnicottiana. Se vivemos em uma sociedade violenta, não somos apenas vítimas, estamos **incluídos** nesta violência, uma vez que fazemos parte da sociedade onde ela foi gerada.
- Então, volto a perguntar: onde a sociedade que criamos está falhando e portanto, **onde nós estamos falhando?** Se ainda há esperança, qual é o pedido de socorro? Que necessidade básica do ser humano está clamando por ser atendida? Que mudança é necessária?

Não pretendo dar respostas porque não as tenho. Mas pretendo convocar cada um a fazer-se seriamente estas questões - talvez isto seja o início de uma resposta a ser construída.

Como contribuição a esta construção, cito dois recortes tirados do jornal *O Globo*:

- O 1º. é do pai de Sirley, a empregada doméstica espancada por rapazes de classe média alta na Barra da Tijuca: *O que estes rapazes fizeram foi brutal. Minha filha trabalha desde*

os 17 anos. *Ninguém merece isto. Eles precisam de tratamento. Criei meus quatro filhos como meu pai me criou, com integridade. O problema é que os jovens de hoje estão muito soltos, sem limites. Por isso estão tão violentos. Se os pais procurarem saber o que os filhos fazem fora de casa, podem melhorar muito este caos.*

- O 2º. é um artigo sobre a palavra **Ubuntu**, que pertence a uma antiga filosofia africana e que, segundo o artigo, é um ponto de união entre pessoas como Brad Pitt, Bill Clinton, Angelina Jolie, Bono Vox, Al Gore e Desmond Tutu: *Ubuntu é uma forma diferente de enxergar o mundo. Significa algo como - eu existo porque você existe. Consiste, basicamente, em ver-se como parte de um todo, conectado a outras pessoas. Segundo Desmond Tutu - sul africano Nobel da Paz, cuja atuação foi fundamental na luta contra o apartheid: Ubuntu é a essência do ser humano; há uma ligação forte entre todos nós, e é somente por meio dessa conexão que somos capazes de descobrir nossas qualidades; nossa humanidade só é afirmada se temos conhecimento da dos outros. Ishmael Beah, escritor de Serra Leoa, sensação da última FLIP afirma: a ausência de Ubuntu é o que gera tantos crimes, guerras e aquecimento global; se a elite e a classe média carioca fossem mais Ubuntu, entenderiam melhor que suas ações têm relação direta com o que acontece nas favelas, e o que acontece nesses locais acaba alterando seu bem estar. As pessoas devem se lembrar de se comportarem sempre da melhor maneira possível e serem boas umas com as outras.*

De um lado , um pedreiro pobre, humilde, nos dá uma lição de ética: ao invés de raiva, julgamentos e acusações - que seriam justificados em vista da ofensa - põe-se a pensar sobre o que estaria ocorrendo com o agressor, preocupa-se com o todo da sociedade. De outro, pessoas ricas e famosas, ao invés de sentarem-se nos louros, fazem o mesmo que o pedreiro - preocupam-se com o outro, com o todo e agem em função disto. Por isso se dizem seguidores do Ubuntu. Não estariam todos propondo valores diferentes daqueles que têm predominantemente regido nossa Sociedade até hoje? Não seria o excessivo materialismo em que se funda a Sociedade Ocidental (pois é desta que posso falar, uma vez que não sou suficientemente conhecedora da Sociedade Oriental), cada vez mais dominante, que estaria levando à atual situação de caos, que ameaça nossa própria sobrevivência?

No entanto, poderíamos pensar que houveram épocas em que os valores religiosos predominavam e no entanto a violência era a mesma. Quanto se matou em nome de Deus? E a revolução francesa, que pregava igualdade e fraternidade, quantas atrocidades cometeu? Mas não é destes valores, religiosos ou políticos, que estou falando, pois eles provêm de instituições

de poder que, como tais, têm também bases materialistas. O que pergunto é se não é chegado o momento da humanidade realmente evoluir em termos de **Consciência**, de uma capacidade de ver e compreender de forma mais ampla, pois toda nossa evolução, até agora muito grande, tem sido predominantemente material.

Então, partindo da abordagem winnicottiana, pergunto se todas as formas de violência que estamos vivendo, seja das classes pobre ou ricas, dos traficantes ou da polícia, das elites ou dos políticos - se todas não estão clamando por um novo ambiente que nos ofereça uma forma diferente e mais Ubuntu de enxergar o mundo; onde o meu bem não está separado do bem dos outros, onde minhas ações não podem ser boas para mim se não forem boas para os outros - um mundo verdadeiramente regido pela ética. E como todos nós não estamos excluídos mas sim incluídos neste ambiente, penso que esta mudança tem que ser iniciada por cada um, individualmente. Dizem que quando uma massa crítica de pessoas tiverem realizado esta mudança de consciência - a maioria da humanidade também a realizará.

Maria Lucia Pilla